

Tomada de posse como Reitor eleito da Universidade do Minho

Antes de mais nada, quero agradecer a V. Ex.^a Senhor Ministro [Prof. *Vítor Crespo*], a sua presença neste acto solene da tomada de posse do novo reitor da Universidade do Minho e a confiança que, no seguimento da proposta do corpo universitário, quis amavelmente depor nos meus frágeis ombros. Este facto, bem significativo, oferece-me a certeza de que nos continuará a ajudar com a sua já longa experiência e as altas qualidades de homem de governo não só para o bom êxito do cargo para que me nomeou mas sobretudo para bem do maior desenvolvimento desta jovem mas já florescente Universidade.

Ao tomar posse de um cargo que me situa no centro da vida universitária, sinto todo o peso da responsabilidade do lugar que vou ocupar, perante a minha consciência e perante vós, de tal modo que não sei se estarei a sonhar embora de olhos abertos... Há, porém, ocasiões em que os homens têm de tomar uma decisão que, embora contrariando a sua maneira de ser e até violentando as próprias limitações, são forçados a dar um passo em frente por fidelidade aos princípios ainda que tudo estremeça no interior da sua vida. Sempre preferi a vida privada de estudo, investigação e ensino. Queria ter passado na terra, livre como a brisa, sem compromissos que limitam, pois o estudo precisa de horas calmas de reflexão, a inspiração não tem horas fixas, o objecto dos nossos estudos não está à espera do sinal das vontades alheias. Mas tudo cai por terra quando, por uma série inesperada de circunstâncias, é a própria Universidade que nos chama; e o maior serviço que podemos prestar aos homens, nossos irmãos, no domínio da Cultura, é servir a Universidade.

Felizmente, e é isso que muito me conforta, não estou só. Pela primeira vez, a comunidade universitária foi ouvida na nomeação do seu reitor, e alegra-me particularmente que, na linha da reconquista da autonomia por que anseiam as universidades, a Universidade do Minho, como noutras realizações, tenha sido a primeira. É aspecto frisante que me compraz sublinhar. Mas a mim particularmente comoveu-me que a quase totalidade dos representantes desta Instituição me tenha proposto para este lugar juntamente com dois colegas que muito prezo. Este facto vai exigir de mim maior responsabilidade e dedicação, é certo, mas alivia-me profundamente pensar que esses votos são juntamente promessas de ajuda e cooperação. Neste acto de tomada de posse, não estou só, portanto. Juntamente comigo tomam posse igualmente todos os colegas, funcionários e alunos que com a sua cooperação, aliás indispensável, tornarão as minhas obrigações mais fáceis de cumprir e as decisões a tomar mais acertadas e eficazes.

Por outro lado, o novo esquema de nomeação define melhor a situação presente do Reitor na comunidade universitária: eleito pela Universidade, transmite ao Ministério, com maior autoridade, as necessidades, problemas e preocupações dos corpos docente e discente e dos seus funcionários; sancionado pelo Ministro, transmite as orientações do Ministério.

Nestes breves momentos de que disponho, compete-me, julgo eu, exprimir de forma clara e firme algumas das principais e mais urgentes necessidades desta Universidade para que ela possa realizar cabalmente a sua missão.

A realização da investigação é a luta mais bela, difícil e fecunda que se trava na vida e na alma do universitário. Nesta realização sacia a sua aspiração mais funda porque sente que, por ela, participa na primeira linha do desenvolvimento e na melhoria de condições de vida dos homens. E ao mesmo tempo que essa investigação enriquece e justifica o seu ensino, em colaboração com os colegas e em diálogo com os alunos, o seu trabalho reveste-se de um sentido universal, sem fronteiras nem limitações, pois a Universidade espalha e difunde, com força persistente e incansável, a luz do progresso a todos os recantos da vida desde a amplitude do universo e o alento ilimitado de espírito à constituição infinitesimal da matéria. A investigação tudo atinge, tudo renova. Sem ela, hoje não haveria verdadeira civilização. Por isso, todo este drama da investigação envolve profundamente a alma do universitário, dá sentido ao seu trabalho e enriquece a sua vocação.

Sendo assim a investigação, o que há de mais significativo e relevante na nossa vida, dentro desta base, é natural que aí as dificuldades e empecilhos sejam mais sentidos porque a Universidade, por definição, deve oferecer a todos os que nela trabalham, as condições requeridas para o seu florescimento. Seria a negação da sua razão de ser, se a própria Universidade não oferecesse os meios normais para a realização e desenvolvimento da investigação.

Sem esses meios, sem bibliografia adequada, sem laboratórios apetrechados, sem tempo e lugar apto para reflectir, estudar e dialogar, não pode existir verdadeira Universidade. E é essa que queremos. É certo que sempre há-de haver obstáculos a vencer pois a vida humana é luta. Mas não se pode compreender que, se a Universidade segue na linha avançada da investigação, ela não possa dispor de meios humanos, materiais e financeiros indispensáveis à sua realização. Este é um problema central sobre o qual não creio que haja duas opiniões divergentes. E por isso pergunto: pode haver governo, seja ele qual for, que tenha a consciência tranquila quando não põe acima de qualquer outra consideração a necessidade de fornecer à Universidade os meios indispensáveis à investigação? Se temos como objectivo fundamental o progresso efectivo da nação devemos começar por munir e desenvolver as Universidades. Nelas se formam os futuros dirigentes, se criam as condições de progresso, do avanço da tecnologia, da expansão humana da vida. Descuidar as Universidades é adiar irremediavelmente a solução dos problemas porque é nelas que trabalham os profissionais da investigação e se criam os homens da linha avançada do presente e do futuro. É certo que há mais coisas a atender além das Universidades; mas para resolver os problemas do nosso atraso, é necessário começar por elas. Se o não fizermos andaremos a renovar os nossos erros históricos, e, o que é pior, sem possibilidade de os corrigir, pois no princípio dos nossos males está a falta de preparação, de cultura e de investigação. Para a correcta solução dos nossos problemas, no princípio está a Universidade. Por isso não foi sem funda preocupação que fomos informados de que o orçamento desta Universidade seria fortemente esvaziado em 75%. Isto, a ser verdade, seria passar do drama da pobreza à tragédia da miséria, especialmente se atendermos ainda que esta Universidade conta apenas com oito anos incompletos de existência.

O nosso segundo problema é a falta de instalações para uma Universidade como a do Minho em forte expansão. E refiro-me agora especialmente às instalações definitivas. Se elas não come-

çaram já há três ou quatro anos, a culpa não pertenceu tanto à Universidade como às hesitações dos sucessivos governos, à falta de autonomia, às limitações superiores. Com o mesmo orçamento, se a valiosa equipa encarregada das instalações tivesse podido resolver por si esse problema, as dificuldades há muito teriam sido superadas. Espero portanto que agora, no momento em que nos querem dar maior autonomia não nos privem dos meios financeiros. Neste caso a autonomia não seria tanto um direito obtido quanto uma armadilha dissimulada. Confio portanto, Senhor Ministro, que possamos finalmente terminar este ano o Projecto das Instalações Definitivas para podermos iniciar no próximo ano a sua construção. É a nossa proposta fundamental e estou certo de que é também a sua primeira preocupação de governante e universitário a respeito desta Universidade.

O terceiro problema é a urgente necessidade de ser aprovado o quadro do pessoal docente que foi enviado há muito e o do pessoal não docente que também foi proposto mas vai ser reformulado e completado. A não existência dos quadros, uma vez findo o chamado período de instalação, deixa-nos a todos, professores e funcionários, numa situação difícil que não tem explicação perante a lei e não corresponde à justiça devida ao nosso trabalho.

Há depois um problema que não diz respeito só à Universidade do Minho, mas vem a propósito referi-lo porque de alguma maneira explica a razão por que estamos a celebrar agora, quatro meses depois do início legal das aulas, a inauguração solene do ano escolar. Só em Janeiro chegaram às nossas portas os alunos do primeiro ano. Tendo-se iniciado o ano lectivo nos primeiros dias de Outubro de 81, não compreendemos bem porque é que se repete todos os anos este atraso que prejudica gravemente os próprios alunos, é decepcionante para os professores, desorienta os pais e representa um gasto inútil de verbas que tanta falta fazem noutros campos de actividade. Aqui expressamos o nosso voto de que essa situação anómala possa ser corrigida no próximo ano.

Queria agora também, neste momento da tomada de posse, dirigir algumas palavras de saudação à Comunidade que servimos. Somos Universidade do Minho porque estamos implantados no seio desta populosa província, com mais de um milhão e seiscentos mil habitantes e servimos juntamente a região do nordeste. Ora parece patente que o Minho ainda não avaliou, na devida medida, a

grande vantagem que começou a desfrutar, depois de tantos séculos, com a criação da sua Universidade. Esta teve sempre presente, desde os difíceis anos da sua criação, juntamente com as exigências nacionais, as necessidades da sua região e este critério presidiu ao estabelecimento e organização dos seus dezassete Cursos já em funcionamento. Além deste programa geral, que agora não tenho tempo de especificar mas espero poder fazê-lo brevemente, teve em vista servir mais particularmente a região com a formação e melhoramento de serviços culturais como a Unidade de Arqueologia, o Legado Nogueira da Silva, a Educação de Adultos e as duas magníficas instituições da Biblioteca Pública e Arquivo.

Devemos, porém, confessar que salvo honrosas excepções, as entidades eminentes nos vários sectores do poder e da economia ainda não deram toda a ajuda que se poderia esperar a esta nascente Universidade que no entanto serve a todos com entusiasmo e dedicação. Mas confio, porque conheço a riqueza desta boa gente do Minho, que de futuro estarão dispostos a prestar a colaboração e ajuda que em breve lhe iremos pedir.

Finalmente não posso deixar de prestar uma justa e muito sentida homenagem a todos aqueles que, em duros e muito acidentados anos de instalação, conseguiram dar a esta Instituição a pujança que já manifesta. E em primeiro lugar ao seu primeiro reitor Prof. *Carlos Lloyd Braga* a que a história fará a justiça e a consagração que merece, e ao Prof. *Joaquim Barbosa Romero* que durante longos e difíceis meses, como reitor em exercício, prosseguiu abnegadamente a obra começada. E com eles à Comissão Instaladora que, em circunstâncias críticas, levou a bom termo, o mandato que lhe foi confiado de fundar esta Universidade.

E vamos iniciar ou prosseguir mais um novo ano escolar com a solene inauguração das aulas. É que uma das missões mais importantes da Universidade é transmitir o saber, de geração em geração, fundamentada e enriquecida com a reflexão crítica da investigação pessoal, de modo a que nunca mais se apague no Homem o florescimento da Cultura. E a inauguração solene do ano escolar é o reconhecimento colectivo desta nobre missão da Universidade.